

## A FENOMENOLOGIA DO TEMPO EM HEIDEGGER E HUSSERL: UMA APROXIMAÇÃO

Evandro Bilibio  
Departamento de Filosofia  
UNICENTRO, Guarapuava - PR

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo explicitar a possibilidade de estabelecermos uma relação entre a fenomenologia da temporalidade em Husserl e a concepção de tempo no primeiro Heidegger. Este objetivo se desdobrará, simplesmente, procurando reconhecer em ambas as abordagens alguns elementos que possam ser relacionados, mais especificamente, com relação à descrição fenomenológica do tempo. Assim, inicialmente faremos uma apresentação da descrição fenomenológica heideggeriana e, num segundo momento, da husserliana (bem simplificada) com o intuito de que sejam notadas as semelhanças entre os autores citados. Assim, o que se tenta fazer, aqui, é tão somente o que o próprio título salienta, uma aproximação. Para tanto, foram utilizados o livro *Ser e Tempo* de Heidegger e o livro *Fenomenologia da Consciência imanente do tempo*, de Husserl como obra base.

**Palavras-chave:** fenomenologia; tempo; ekstases; intencionalidade

**Abstract:** This article intends to show the possibility of establishing a relation between the phenomenology of temporality in Husserl and the conception of time in Heidegger. The objective is to recognize in both approaches some elements that can be related, specifically, in relation to the phenomenological description of time. First, we present the Heideggerian phenomenological description of time and, after that, we discuss the Husserlian description (very simplified) with the purpose of showing the similarities between both authors. Thus, our objective in this article, as the title reveals, is to make a closely relation of these authors. For this purpose, it was used the book *Being and Time*, by Heidegger and the book *Phenomenology of Immanent Consciousness of Time*, by Husserl.

**Key-words:** phenomenology; time; ekstasy; intencionalidade

É importante salientar que Heidegger procura interpretar a experiência do tempo a partir de um ponto de vista ontológico. Dessa forma, a compreensão de Heidegger do fenômeno do tempo, que o leva à formulação do conceito ontológico de tempo, tal qual é exposto em *Ser e Tempo*, não parte de uma compreensão ôntica. Isso significa que Heidegger não compreende o tempo como algo que possa ou não estar dado, como um objeto, à experiência humana. Da mesma forma, a experiência de tempo não é algum dado da consciência, uma espécie de vivência psíquica. Tempo, do ponto de vista ontológico, para Heidegger, constitui o próprio *Dasein*, o existente humano. E, é a partir da compreensão que o próprio *Dasein* tem do seu *estar* no tempo é que o leva a formulação de conceitos ônticos.

Tais conceitos partem da compreensão do tempo como sendo algo dado no mundo, caracterizado, normalmente e na maioria das vezes, como um fluxo ininterrupto e irreversível de agoras, os quais se deslocariam do futuro para o passado. Heidegger, tomando Aristóteles como um exemplo, vê nele a formulação que mais claramente explicita a compreensão ôntica do tempo e que também delimitou (condicionou) todas as abordagens anteriores a respeito do tempo.

Por outro lado, a concepção Heideggeriana de tempo, não se enquadra nas três tendências básicas da filosofia contemporânea de concebê-lo, tal qual nos apresenta Mike Sandbothe, em seu artigo *The temporalization of Time in Modern Philosophy*. Tais tendências, resumidas por Sandbothe, dividem-se em: tendência unificante, onde seus defensores tentam colocar o tempo como um ponto unificante de nossa experiência do eu e do mundo, juntamente com as teorias acadêmicas sobre a natureza e do homem, como exemplo dessa tendência temos, entre outros, Bergson, Schilling e Whitehead.

A segunda tendência é caracterizada pela pluralização. Nesta, o tempo é reduzido a uma multidão incompatível de conceitos heterogêneos. Esta concepção, ao final, acaba por mostrar a incompatibilidade entre tempo histórico e tempo natural. Como exemplo dessa tendência temos Paul Ricoeur.

E a terceira tendência procura relativizar e historicizar o tempo, e o tempo é visto como sendo um dos elementos usados para a compreensão do eu e do mundo. Como exemplo dessa tendência temos Richard Rorty.

Heidegger procura compreender a experiência do tempo de modo fenomenológico a partir da própria existência humana e de sua finitude. Isso significa não somente abandonar conceitos herdados pela tradição, tanto filosófica quanto científica, mas, também, procurar compreender como tempo é para o *Dasein* constitutivo da sua própria compreensão e que papel ele desempenha nesta.

Inicialmente, o que podemos notar, apesar das divergências e interesses entre ambos, é que tanto Heidegger quanto Husserl tiveram a necessidade de esclarecer que modo a experiência humana é temporal, ou constituída pelo tempo. Em *Ser e Tempo*, Heidegger assume explicitamente a tarefa de esclarecer a questão do ser relacionando-a

com a questão do tempo. De tal modo que a questão do tempo transforma-se na questão sobre o sentido do ser do *Dasein*. E, em um estágio posterior, ou seja, na continuidade do projeto, do qual Ser e Tempo faz parte, seria apresentado como sendo o horizonte de toda a compreensão de ser. Tal projeto é apresentado em detalhes no §8 de *Ser e Tempo I*.

Husserl, no livro *Fenomenologia da consciência imanente do tempo*, tem por objetivo fazer uma análise fenomenológica da consciência temporal. Essa análise é feita através de um estudo da constituição temporal que há em um dado puro impressional e a auto constituição do tempo fenomenológico que reside nesta mesma constituição.

Este livro, como observa Heidegger, divide-se em duas partes. A primeira contém a última seção do curso dado em Gottinga sobre “13 princípios da fenomenologia e da teoria do conhecimento.” Curso dado no semestre de inverno 1904-1905. A segunda parte é constituída de acréscimos àquele curso citado e trata do estudo daqueles atos de mais baixa raiz, tais como: percepção, fantasia, consciência imaginativa, memória e a intuição do tempo.

Nesta análise, Husserl relaciona o tempo com o transcurso (percepção) que a própria consciência humana tem do mundo à sua volta. Da mesma forma, procura deixar claro que uma abordagem de caráter fenomenológico exclui as de caráter científico ou psicológicas.

Começaremos com Heidegger. Tempo, do ponto de vista ontológico, para Heidegger, constitui o próprio *Dasein*, o existente humano. E é a partir da compreensão que o próprio *Dasein* tem da sua experiência do tempo que o leva à formulação de conceitos ônticos. Tais conceitos partem da compreensão do tempo como sendo algo dado no mundo, caracterizado, normalmente e na maioria das vezes, como um fluxo ininterrupto e irreversível de agoras. Os quais se deslocariam do futuro para o passado. Neste ponto, Heidegger concorda com Husserl, uma vez que, como ele, recusa que esta compreensão do tempo e seus conceitos decorrentes possam ser aplicados à experiência fenomenológica que o existente humano tem do tempo.

O projeto de uma ontologia fundamental, no qual se insere a obra *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger, publicada em 1927, tem como tarefa principal a elaboração da questão do sentido do ser em geral. Para tanto, o autor pretendia mostrar o tempo como o horizonte transcendental de toda a compreensão de ser pertencente ao *Dasein*. Desse modo, a obra mencionada é parte de um programa, de um projeto maior que visava a ser capaz, ao final, de mostrar a *temporareidade* (*Temporalität*), com base na *temporalidade* (*Zeitlichkeit*), operando como um horizonte transcendental.

É, a partir do § 65 da obra mencionada que se inicia, propriamente, a apresentação da *temporalidade* pela explicitação do poder-ser todo em sentido autêntico do *existente humano*. Nessa seção, encontramos a descrição da *temporalidade* autêntica ligada à descrição da existência autêntica. No § 65 Heidegger apresenta o conceito de *temporalidade* por meio da seguinte afirmação: “O passado surge do futuro de tal maneira que o futuro do ter sido (melhor em vigor) deixa vir-a-si o presente.” (HEIDEGGER, 1993, p. 120). Ora, Heidegger julga que a estrutura ontológica sobre a qual se assenta o

existente humano é temporal. O conceito de *temporalidade* revela tal estrutura. Assim, tal conceito é explicitado por meio de uma apresentação daquela estrutura mais fundamental e, portanto, ontológica que constitui o existente humano.

O *Dasein* existe projetado para além dele mesmo, existe na forma do *preceder a si mesmo*, pelo qual o *existente humano vem-a-si*. O *existente humano* está projetado, *precede-se a si mesmo* em um mundo, isto é, em sua facticidade, por ser em um mundo. *Ser em um mundo* é sempre *ser junto a* outros entes, isto é, é existir na decadência. No momento estrutural do *preceder a si mesmo* está indicado o futuro, no *ser em um mundo*, o passado, e no *ser junto a* o presente. Da mesma forma, no *preceder a si mesmo* está indicada a *existencialidade*, no *ser em a facticidade* e no *ser junto a decadência*. Tomando por base o conceito de temporalidade exposto acima, segundo o qual o passado surge do futuro, podemos dizer que o futuro é que dá origem ao passado, ou seja, permite que o *Dasein*, precedendo-se, vindo-a-si constantemente, igualmente volte-se para a sua facticidade, para o fato de ser em um mundo e, conseqüentemente, para o presente, de modo a ser junto a outros entes. O *existente humano* somente é passado, isto é, é determinado por sua facticidade, existe como ser em, porque ele existe projetado em um mundo. E, somente por ser já projetado em um mundo, isto é, ser futuro e passado é que ele pode ser junto a, existir junto aos entes com os quais se ocupa, isto é, ser presente.

Com isso, Heidegger deixa claro que a experiência que o *Dasein* tem do mundo, enquanto *ser-no-mundo*, é não somente temporal, mas somente possível pelo fato de que o *existente humano* é em si mesmo temporal. Tais aspectos temporais se dão de forma unificada através dos *ekstases* que constituem a temporalidade, nos quais, mundo, já está pressuposto. Ao contrário da tendência unificante de Sandbothe, na qual mundo é aquilo que é visado, tão somente (O que vale, igualmente, para a interpretação husserliana), cada um dos *ekstases* é caracterizado por ser um *para onde*. Desse modo, o *Dasein*, enquanto *ser-no-mundo*, somente pode ter a experiência de mundo, por ser ele mesmo, de certa forma, remetido, lançado temporalmente neste mesmo mundo. Sendo menos preciso, em termos heideggerianos, não somente a subjetividade humana é em si mesma temporal, mas a objetividade do mundo à nossa volta é delimitada e condicionada por este caráter temporal.

No livro *Fenomenologia da consciência imanente do tempo*, Husserl procura apresentar uma *descrição fenomenológica do tempo*. Em tal descrição, Husserl procura salientar isso, exclui a interpretação *objetiva* do tempo. (HUSSERL, 1983, p. 50). Esta exclusão significa deixar de fora toda e qualquer tipo de abordagem ou conceito de caráter *científico* do tempo. Antes de tudo, tempo deve ser tomado como um fenômeno e, enquanto tal, não é um *dado* tal como para as ciências em geral.

Do que foi dito não deve ser entendido que Husserl despreze de alguma forma a abordagem científica da questão temporal. Todavia, julga que por meio desta nunca chegaremos a uma compreensão fenomenológica do mesmo. (HUSSERL, 1983, p. 52). Assim, Husserl, sem desprezar os possíveis conceitos e abordagens existentes nas

ciências *naturais* exclui a possibilidade de que tais possam contribuir de alguma forma para o que pretende, guardando-lhes o direito.

Dessa forma, enquanto fenômeno, o tempo está estreitamente ligado ao transcurso da consciência. A sua explicitação implica em uma análise fenomenológica da *consciência temporal*. (HUSSERL, 1983, p. 50), ou seja, apresentar como no transcurso da consciência, através da qual mundo vem ao encontro, o tempo mostra-se e se constitui. Isto não significa analisar o tempo como um *dado* da consciência, mas como vivência da própria consciência enquanto tal.

Por outro lado, deve-se afastar a idéia de que com a análise husserliana do tempo enquanto uma espécie de consciência temporal, esta análise converta-se em uma apresentação psicológica do mesmo. Uma análise de tal índole encontra-se antes mesmo de uma de caráter psicológica. Pois, a pergunta sobre a origem fenomenológica do tempo pressupõe a explicitação das configurações primitivas da consciência temporal, a partir das quais se constroem as referências ao tempo objetivo. Uma pergunta de caráter psicológico partiria das referências objetivas do tempo, o que, para Husserl, não interessa. (HUSSERL, 1983, p. 55).

Assim, por vivências temporais não devemos entender alguma espécie de investigação de dados, i.e., estados psíquicos nos quais passado, presente e futuro, de alguma forma ou de outra poderiam ser pressupostos. Desse modo, as vivências dizem respeito à realidade enquanto representada, intuída e conceitualmente pensada, ou seja, antes de qualquer dado objetivamente dado à consciência. (HUSSERL, 1983, p. 55).

Por outro lado, da mesma forma que Heidegger, Husserl recusa a idéia de que o presente seja um ponto dimensional de instantâneos agoras. Contudo, interpreta o presente como sendo algo que se estende. Futuro e passado seriam o resultado desse *estender-se* do presente. Assim, para Husserl o futuro e o passado encontram-se dentro do momento presente, que tem a característica essencial de *estenderem-se* a si mesmo no fluxo da consciência.

Passaremos, agora, a uma breve indicação daqueles elementos husserlianos quanto a constituição fundamental do tempo com o intuito de, a partir deles, fazermos uma comparação com as características ekstáticas, atribuídas por Heidegger, ao tempo. Para Husserl todo momento presente é formado por dois aspectos essenciais: *retenção* (passado) e *protensão* (futuro). Na *retenção*, os acontecimentos cotidianos são retidos na forma de passado e na *protensão* o existente humano antecipa os acontecimentos, ou seja, o futuro; contudo, esta antecipação é feita sempre a partir do momento presente. Desse modo, o passado é retido como passado no presente, e o futuro é antecipado como futuro, também a partir do presente. O momento presente é o resultado, uma síntese poderíamos dizer, do que é *retido* (passado) e do que é *antecipado* (futuro). Conforme o que é *antecipado* passa, ele é *retido* como passado. É importante distinguir *retenção* de lembrança, uma vez que nesta última o que já passou é experimentado pelo existente humano somente como passado e não como algo que ainda é presente. Da mesma forma, *protensão* não é

esperança de que algo aconteça, pois o futuro sempre já se faz presente a cada instante à experiência humana do mundo.

Assim, o que há de semelhante entre as abordagens de ambos os autores é que a experiência que o existente humano tem do mundo poder ser caracterizada por ser radicalmente temporal e, da mesma forma, delimitada por este mesmo caráter. Esta característica surge do fato de que a própria subjetividade ser, em si mesma, temporal. O que nos leva à questão husserliana da constituição do eu transcendental e da sua respectiva experiência (subjetiva) do mundo. Em síntese, é possível notar um paralelo entre ambos os autores citados acima quanto tratamento da questão do tempo. Desse modo, também, é possível pensarmos nas dependências, na existência de semelhanças e divergências entre tais autores quanto ao tratamento da questão do tempo.

E, tanto para Heidegger quanto para Husserl, é através do tempo que se dá a unificação das experiências que o existente tem do mundo. Ambos apresentam o existente humano como sendo constituído pelo tempo. E, além disso, tanto em um quanto em outro o tempo é o fundamento a partir do qual se apóia a estrutura, por um lado do ser-no-mundo (Heidegger) e por outro a subjetividade do eu transcendental (Husserl).

Desse modo, pergunta-se: a questão do tempo não representaria, além do ponto de contato entre os dois autores, também o ponto de ruptura? Em síntese, o esclarecimento da relação entre ambos passaria, por um lado, pelo esclarecimento do modo pelo qual Husserl interpretou temporalmente a subjetividade humana e, por outro, a interpretação temporal que Heidegger faz dos momentos constituintes do existente humano. Obviamente, no decorrer do texto, numa análise mais superficial, talvez o que tenha parecido é que existem mais divergências e, portanto, estabelecer uma relação estaria fora de possibilidade. Entretanto, tais diferenças apontam para o mesmo ponto e, é isso que queremos salientar.

Desse modo, a possibilidade de defendermos (e fazermos) uma comparação entre ambos os autores é possível, apesar das divergências mostradas. Para tanto, acredita-se que é necessário o desenvolvimento daqueles pontos apresentados, tão somente, como divergências de tal modo a identificar nesses, aquilo que poderia figurar como um fundamento comum, tanto na concepção heideggeriana quanto husserliana.

## Referências bibliográficas

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo I**. 6.ed. Trad. Cavalcante, M. de S. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo II**. 3.ed. Trad. Cavalcante, M. de S. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Ser y tiempo**. Trad. Cruchaga, J. E. R. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 1997.

HUSSERL, E. **Fenomenología de la conciencia del tiempo inmanente**. Trad. Langfelder, O. E. Buenos Aires: Editorial Nova, 1983.

SANDBOTHE, M. The temporalization of Time in Modern Philosophy. In: \_\_\_\_\_. **Time in Modern Intellectual Thought**. Trad. Baert, P. and Coveney, P. London: 1997. Disponível em: <[http://www.uni-jena.de/ms/ms\\_time.html](http://www.uni-jena.de/ms/ms_time.html)>. Acesso em 04 jan. 1999.